



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

LETÍCIA FERREIRA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMINISTA DA PERSONAGEM NOEMI NA OBRA
CAMINHO DE PEDRAS DE RACHEL DE QUEIROZ, EM PARALELO Á
SITUAÇÃO ATUAL DA MULHER NA SOCIEDADE.**

Itapecuru Mirim/ MA
2017

LETÍCIA FERREIRA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMINISTA DA PERSONAGEM NOEMI NA OBRA
CAMINHO DE PEDRAS DE RACHEL DE QUEIROZ, EM PARALELO Á
SITUAÇÃO ATUAL DA MULHER NA SOCIEDADE.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador (a): Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos.

LETÍCIA FERREIRA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMINISTA DA PERSONAGEM NOEMI NA OBRA
CAMINHO DE PEDRAS DE RACHEL DE QUEIROZ, EM PARALELO À
SITUAÇÃO ATUAL DA MULHER NA SOCIEDADE.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador (a): Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos.

Aprovado em ____/____/____

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos. (Orientadora).

Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso. (Examinador 2)

Prof. Esp. Jarlisson Sebastião Araújo Silva. (Examinador 3)

Ao Deus maravilhoso, por ter-me concedido saúde, força de vontade e proteção durante todo o tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela permissão que me concedeu de cursar uma universidade em outro município, pois, tenho total certeza de que se não fosse por ele não teria conseguido, pois, sua palavra afirma: “Porque sem mim nada podeis fazer” (João 15: 5) e também a toda família IBA que sempre orou por mim.

À minha família que sempre esteve ao meu lado, me incentivando durante toda minha trajetória estudantil dentre eles: meus pais, Otávio Filho, Maria da Conceição; meus tios, Joás, Adnoel, Ednalva, Edileusa e Iracelma.

Ao meu namorado Denis Bruno, que foi compreensivo comigo nos momentos de ausência e estresse devido a esse estudo e ainda me deu muita força para prosseguir.

À Professora Orientadora Katiana Oliveira, pela atenção, ajuda e orientação que foram de suma importância nesse trabalho;

Aos meus amigos e colegas que de forma direta ou indireta colaboraram para essa conquista. Em especial às minhas amigas de turma: Cleonice, Dayany, Samara e Welida, que sempre foram compreensivas, solidárias, verdadeiras e amorosas para comigo, juntas nós aprendemos, ensinamos, choramos, demos muitas risadas, e o mais importante construímos uma amizade. Destaco aqui Welida Gouveia, por ter me ajudado imensamente durante este trabalho, com discussões sobre o assunto, dicas e orientações para o mesmo, além de todo companheirismo.

Aos professores: Maurílio Cardoso, Helena Gomes, Theciana, Rosélia e Helen Mamede que embora estivessem exercendo seus papéis de professores não deixaram de se sensibilizarem com os alunos e suas necessidades, dessa forma conquistaram lugar especial em meu coração.

À professora Samira Diorama que mesmo não sendo minha orientadora me deu indicações de obras literárias, emprestou-me alguns de seus livros que tanto ama e dessa maneira contribuiu para o desenvolvimento deste estudo;

Aos demais professores e alunos da minha turma do Curso de Letras da UEMA, com quem tive contato durante todo esse tempo, pois com cada um pude aprender coisas novas e importantes que levarei para a vida.

Agradeço à Universidade Estadual do Maranhão por ter aberto as portas e ter proporcionado um curso riquíssimo em conhecimento como o de Letras.

"Fala-se muito na crueldade e na bruteza do homem medievo. Mas o homem moderno será melhor?"

Rachel de Queiroz

RESUMO

Os direitos de igualdade destacados na Constituição Federal de 1988 vêm sendo discutidos com grande frequência nos últimos tempos, a razão seria questionar se a lei está de fato sendo cumprida. O que impulsiona este trabalho é colocar em evidência fatos que comprovem essa lei sendo descumprida em relação às mulheres. É notório que a luta feminina por direitos de igualdade se intensifica cada dia mais e esta pesquisa se dedica a discutir a representação feminina na sociedade diante das dificuldades encontradas por elas. Por tanto, tem-se a obra “Caminho de Pedras”, de Rachel de Queiroz, como principal meio de debate correlacionando-a com a sociedade atual e suas mulheres. A personagem Noemi se apresenta como principal viés para que se obtenham informações necessárias para a sustentação da idéia proposta, pois, a própria personagem vivenciou algumas situações que se caracterizam como desrespeito e desvalorização da mulher. Dessa forma, pretende-se demonstrar fatos ocorridos atualmente assimilando-os com a trajetória de Noemi.

Palavras-chave: Mulheres. Direitos. Igualdade. Noemi. Sociedade.

RESUMEN

Igualdad de derechos en la Constitución Federal de 1988 se están discutiendo con gran frecuencia en los últimos tiempos, se pregunta la razón si la ley se está haciendo en realidad. Lo que impulsa este trabajo es poner en los hechos de evidencia que muestra que ser negado en relación con las mujeres el derecho. Es obvio que la lucha por los derechos de igualdad de las mujeres intensifica cada día más y que esta investigación está dedicada a hablar de la representación de las mujeres en la sociedad sobre las dificultades encontradas por ellos. Por lo tanto, hay un "camino de Rachel de Queiroz, como principal medio de debate correlacionando con la sociedad actual y sus mujeres. Personaje de Noemi se presenta como la principal tendencia para obtener la información necesaria para apoyar la idea propuesta, el carácter vivido algunas situaciones que se caracterizan por la falta de respeto y la devaluación de las mujeres. De esta manera, se pretende demostrar los hechos actualmente la actualidad por asimilarlos con la trayectoria de Noemí.

Palabras Clave: Mujeres. Derechos humanos. Igualdad. Noemi. Sociedad.

SIGLAS

- AIPSM - Programa de Atenção à Saúde da Mulher
- CEDIM - Conselho Estadual dos Direitos da Mulher
- DEAM - Delegacia de Atendimento Especializado à mulher
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulher

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL.....	12
2.1 Breve histórico do movimento feminista.....	13
2.2 Conquistas femininas na sociedade.....	15
3 SOBRE A AUTORA DA OBRA.....	18
3.1 Personagens transgressoras de Rachel de Queiroz.....	20
3.2 Caracterização da personagem Noemi.....	22
3.3 Caminhos de Pedras.....	24
4 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA: NOEMI EM PARALELO À MULHER ATUAL.....	28
4.1 A mulher no âmbito conjugal.....	29
4.2 A violência contra mulher.....	32
4.3 A figura feminina no mercado de trabalho.....	35
4.4 O dilema da maternidade.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe analisar o papel da mulher em uma época em que não se tinha direitos garantidos por lei e a visibilidade em relação às mulheres era mínima. Tendo como pressuposto a obra “Caminho de Pedras” de Raquel de Queiroz, na qual se passa em 1937, pretende-se fazer um paralelo entre as situações vividas pela protagonista Noemi com a situação das mulheres atualmente, levando em conta que hoje já existem leis que colocam as mulheres em um mesmo patamar de igualdade em relação aos homens.

É sabido que durante séculos a mulher vem buscando seu espaço na sociedade. De fato, passou por muitas transformações em diversas áreas, tais como, política, economia, literatura e principalmente na vida pessoal. Mas, não foram suficientes para abolir a grande desigualdade de gêneros existente em nosso meio.

Diante de uma sociedade brasileira praticamente acomodada e desmotivada com tudo que vem acontecendo em nosso país, será que realmente a mulher é tratada de forma igual ao homem, assim como se espera diante das leis? Ou será que o Brasil ainda está cheio de inúmeras “Noemis” lutando pela sobrevivência e se impondo diante dos preconceitos assim como na obra “Caminho de Pedras”?

Portanto além de analisar o papel da personagem Noemi na obra “Caminho de Pedras”, busca-se ilustrar criticamente os direitos das mulheres; Comparar a história da protagonista com a situação atual em que as mulheres brasileiras vivem; mostrar fatos que comprovem a importância da mulher na sociedade e seu verdadeiro papel.

De fato é preciso chamar atenção para esse assunto, é necessária uma posição da sociedade para que haja mudanças para melhorias na classe feminina. Assim, justifica-se este trabalho na intenção de analisar o assunto dentro de uma obra literária, demonstrando quão difícil foi à trajetória de uma mulher que decidiu abrir mão dos padrões ditados pela época, para viver intensamente aquilo que sentia. Portanto faz-se necessário que as pessoas em geral reflitam por meio da obra “Caminho de Pedras”, sobre o verdadeiro papel da mulher em uma sociedade que se julga ser igual e observar se atualmente a situação tem mudado. Dessa forma pode-se constatar que se passaram anos, mas, muitas atitudes vergonhosas ainda são vistas e muitas mulheres ainda sofrem.

Dessa maneira, os procedimentos aqui utilizados são de cunho bibliográfico, no qual haverá contribuições teóricas dos autores Simone de Beauvoir (1967 e 1970), Gilberto Freyre (2013), Queiroz (2010) e outros que de forma direta ou indireta subsidiarão teoricamente o desenvolvimento do assunto proposto. A contribuição desses autores fornece perspectivas importantes para o direcionamento e apresentação desse trabalho.

Para uma melhor compreensão desse tema a análise será dividida em três capítulos. O primeiro capítulo que tem como título “A trajetória histórica da mulher no Brasil” irá ilustrar um pouco sobre a história das mulheres em nosso país desde o Brasil colônia até as conquistas realizadas através dos movimentos feministas. Nesse momento será abordada a grande luta contra a submissão feminina mediante a sociedade e suas imposições.

No segundo capítulo, denominado “Sobre a autora”, apresenta-se a biografia de Rachel de Queiroz, dando a ela toda reverência merecida e expondo dessa forma seu histórico referente ao tema. Ainda no mesmo capítulo, será apresentado um breve resumo do enredo da obra em análise que é “Caminho de pedras”, caracterizando e definindo Noemi dentro da obra e mostrando seu importante papel, para que se possa entender e conhecer um pouco da vida da protagonista.

No terceiro capítulo, intitulado “A representação social feminina: Noemi em paralelo à mulher atual” pretende-se discutir sobre a socialização da mulher em ambas as épocas, tal como, na que se passa a história, quanto na atual. Tendo em vista que serão expostos fatos referentes a questões do cotidiano em que envolvem diretamente as mulheres.

Dessa forma, se discutirá a respeito da mulher e os desafios do casamento; a violência contra a mulher que cresce cada vez mais no Brasil; a figura feminina e seus empecilhos no mercado de trabalho; as dificuldades e medos diante da responsabilidade de ser mãe. De acordo com a organização do trabalho proposto, espera-se que de fato o mesmo possa se tornar um meio de reflexão a respeito da diferença de gêneros que perdura até os dias atuais, que assim, possa-se assumir um olhar respeitoso em relação a qualquer mulher, independente de raça, cor, religião ou condição social.

2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL

A história da mulher no Brasil teve início em 1500 com o suposto descobrimento desse país e conseqüentemente sua colonização. As mulheres daquela época eram vistas bem mais como objeto sexual, principalmente a índias e negras que simplesmente eram usadas por qualquer homem. A educação feminina não era prioridade naquele momento, pois, o objetivo dos europeus era apenas explorar e fechar negócios, portanto as mulheres não necessitavam saber ler e escrever já que serviam apenas para lavar, cozinhar e satisfazer os homens.

Por outro lado, as mulheres brancas trazidas pelos colonizadores exerciam apenas a função de reprodutoras, pois a intenção era estabelecer um padrão de etnia. No entanto não foi o que aconteceu, pois, os homens engravidavam qualquer mulher que estivesse pela frente e em seguida partiam em direção a alguma expedição e na maioria das vezes, elas criavam seus filhos com ajuda de outras mulheres do lugar, mas, sem o homem por perto.

Acredita-se em um período de muita liberdade em relação às leis, quase não havia casamentos, ou seja, as regras eram feitas pela própria população, inclusive os indígenas já existentes no local consideravam as mulheres como companheiras, tanto que os serviços eram divididos igualmente. “É que nos primeiros tempos de colonização do litoral, todos os colonos, homens e mulheres, com uma formidável terra virgem a dominar, a mulher gozou de uma liberdade maior de ação.” (FREYRE, 2013, p.130)

Essas regras estabelecidas pelos moradores passaram a incomodar os colonizadores portugueses, que trataram imediatamente de impor suas próprias leis através da igreja, que incluía principalmente o casamento e a submissão da mulher. Pois para a igreja a mulher era vista como o ser pecaminoso, aquele que gerava todos os males, portanto, deveria ser submissa e não proliferar seu mal.

A partir de então a mulher passou a cumprir regras referentes ao matrimônio, ela era obrigada a manter a virgindade até o casamento e após estar casada, teria que cuidar apenas dos afazeres domésticos e dos filhos. Dessa forma, a representação religiosa da época intervinha em todos os aspectos relacionados à mulher, inclusive nas relações sexuais, pois, para igreja não deveria existir prazer sexual, o único foco era a reprodução humana. Isso perdurou durante séculos e se intensificou dando origem ao período patriarcal.

Nesse período, a principal ideia que se sobressai é a de que a mulher se resume apenas em esposa, mãe e dona de casa e a diferença entre homem e mulher é nítida. Para Gilberto Freyre:

À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário – tal como o que dominou longo tempo no Brasil – convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. (FREYRE, 2013, p.129)

Mediante tais fatos é notório que o papel atribuído à mulher naquela época nem se compara com as atribuições do homem, pois a mesma somente reinava em seu lar, no entanto com as transformações econômicas e industriais a mulher foi começando a se desvincular do simples papel de dona de casa.

Tal feito teve início com a chegada da família real no Brasil, que além de ter trazido muitos avanços econômicos, foi responsável também por algumas mudanças na cultura e costumes do país. Dentre essas mudanças pode-se enfatizar a figura feminina mais presente na sociedade, pois, as mulheres pertencentes à elite da época, puderam ir à igreja e participar de festas, algo que já pode ser considerado um grande avanço para aquelas que se restringiam somente a seus lares.

Daí em diante as mulheres de famílias ricas já tiveram acesso às letras, tiveram a instrução sistemática, muitas vezes nos conventos ou eram enviadas a países da Europa. Em alguns casos até ajudavam seus pais ou maridos em determinadas funções de negócios.

2.1 Um breve relato sobre o movimento feminista

A mulher percorreu um caminho de longas lutas para conseguir ser notada e respeitada, e com o passar do tempo e com todo conservadorismo, ainda assim a mulher foi aumentando seu convívio na sociedade que teve mais força com o surgimento do movimento feminista, que desde então se tornou carro chefe na luta a favor dos direitos das mulheres.

O Movimento Feminista formulou suas primeiras idéias na Europa no final do século XIX, que tinha como objetivo assegurar a liberdade das mulheres em

todos os aspectos. E então teve início a partir do século XX, tendo em vista que foi responsável pela mobilização de muitas mulheres que aceitaram o desafio. Costa afirma que:

O feminismo, enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das idéias iluministas e das idéias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos. Nesse seu alvorecer, mobilizou mulheres de muitos países da Europa, dos Estados Unidos e, posteriormente, de alguns países da América Latina, tendo seu auge na luta sufragista. (COSTA, 2013, p.01)

Portanto o movimento feminista em seu primeiro momento, denominado Sufragista, tratou de reivindicar os direitos sociais e políticos das mulheres, tendo como principal objetivo possibilitar a mulher de adquirir o direito de votar. Nos momentos seguintes, o movimento passou a tratar da opressão sofrida pelas mulheres e as desigualdades de gênero.

Uma das maiores conquistas desse movimento foi à criação do dia Internacional da Mulher, devido ao acontecimento no dia 25 de março de 1911 em Nova York, onde houve um incêndio em uma fábrica têxtil no qual morreram cerca de 130 mulheres. A luta por direitos já havia começado bem antes, no entanto, foi necessária a realização de algumas conferências e mais manifestações em público para que se obtivesse êxito. De acordo com Melo:

[...] o dia 8 de março é um marco na luta pelos direitos das mulheres ao redor do mundo. Se fosse possível retroceder no tempo e contar para um cidadão do começo do século XX que as mulheres, hoje, votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens, governa países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho, talvez o sujeito não acreditasse no relato. (MELO, 2013, p.1)

Em função desse acontecimento, o dia Internacional da Mulher é utilizado como meio de relembrar a luta dessas mulheres que sofreram nessa época e avivar a presente batalha por melhorias no universo feminino.

Vale ressaltar que o movimento feminista chegou ao Brasil no início do século XX com forte influência dos demais países que já tinham aderido. No decorrer do movimento algumas mulheres tiveram destaque, em sua maioria, professoras, políticas, demais trabalhadoras e escritoras como: Nísia Floresta, responsável por ser a pioneira em publicar textos e livros sobre o direito das mulheres naquela época; Bertha Lutz, bióloga que teve participação na organização das leis que deram direito às mulheres de votar; Celina Guimarães Viana foi à primeira mulher no Brasil a usufruir o direito de votar e ser votada; Carlota Pereira de

Queirós a primeira mulher que conseguiu se tornar deputada federal; Laudelina de campos Melo, foi a criadora do sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil.

Dessa forma, através do movimento feminista no Brasil essas mulheres contribuíram significativamente para grandes resultados. Tendo em vista que muitas pessoas ainda consideram o movimento feminista como uma forma das mulheres se tornarem homens, quando na verdade o principal objetivo é garantir às mulheres o direito de ser e fazer o que quiserem sem se preocupar com as consequências.

2.2 Conquistas femininas na sociedade

Durante séculos de submissão e intensas lutas, a mulher vêm escrevendo uma nova história, na qual ela mesma é a protagonista. Com o crescimento das lutas femininas nas diversas sociedades, pode-se afirmar que a mulher, hoje, tem maior autonomia e liberdade de expressão. Esse é o resultado de algumas conquistas adquiridas com árduo trabalho.

Por volta de 1827 nasce a primeira lei que permitia o acesso das mulheres à educação, esse foi um avanço importantíssimo pelo fato de que antes somente os homens tinham direito de estudar, e mais tarde em 1879, elas receberam a autorização de freqüentar o ensino superior, ou seja, garantia dessa forma também o direito de ensinar, tendo em vista que atualmente as mulheres ocupam a maioria das vagas em universidades.

Em 1932 durante o governo de Getúlio Vargas é promulgado o código que garantia o direito de voto das mulheres brasileiras. “No tocante à luta empreendida pela conquista do voto, considera que este só foi concedido quando assim interessou à classe dominante” (CARDOSO e VAINFAS, 2013, p.270). Embora tenha sido estabelecido no tempo determinado por essa classe dominante, não se pode negar que foi um dos direitos mais reclamados naquele período, portanto, torna-se um mérito feminino de persistência.

Na década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, em um momento em que o movimento feminista vai se caracterizando como uma luta não só por espaço político e social, mas por uma nova forma de olhar e entender o relacionamento entre homem e mulher, permitindo que ela também obtivesse suas exigências.

Já no período entre 1983 a 1987 começam a serem criadas políticas públicas que cuidam e protegem as mulheres tais como: PAISM (Programa de

Atenção à Saúde da Mulher), DEAM (Delegacia de Atendimento Especializado à mulher), UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulher) e o CEDIM (Conselho Estadual dos Direitos da Mulher).

Mais tarde em 1988 houve a conquista diante da lei que expressa uma forma de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, que consta no art.5º da Constituição Brasileira. Diante desse fato as mulheres puderam então tomar decisões em relação ao lar, ao casamento ao trabalho ou a qualquer área na qual o homem já tinha direito de opinar. E mais recentemente em 2006 foi criada a lei de violência contra mulher, Lei Maria da Penha. Dessa maneira percebe-se a importância do movimento feminista na vida das mulheres. Costa reafirma isso quando diz:

O feminismo brasileiro, e também o mundial, de fato mudou, e não mudou somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX, mudou também em relação aos anos 1960, 1970, até mesmo 1980e1990. Na verdade, vem mudando cotidianamente, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, em uma dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas. No movimento feminista a dialética viaja na velocidade da luz. (COSTA, 2017, p.1)

Tendo em vista todos esses avanços através do movimento, a mulher do século XXI busca cada vez mais romper paradigmas, viver intensamente e cuidar de se própria e isso pode ser observado no meio profissional, onde muitas mulheres são vistas em diversas áreas de trabalho, desde os cargos mais “pesados” como pedreiro até mesmo aos mais altos dentro da política, como foi à conquista da presidência da república por Dilma Rousseff. No entanto, mesmo elas ocupando esses cargos, ainda são muito criticadas, insultadas, chamadas de incompetentes e desmerecedoras daquele cargo simplesmente por serem mulheres.

Na literatura também houve grandes avanços relacionados ao meio feminino. Ao poucos as mulheres foram se destacando nessa área como afirma Gilberto Freyre:

Nas letras, já nos fins do século XIX apareceu uma Narcisa Amália. Depois, uma Cármen Dolores. Ainda mais tarde, uma Júlia Lopes de Almeida. Antes delas, quase que só houve bacharelas medíocres, solteironas pedantes ou simplórias, uma ou outra mulher afrancesada, algumas das quais colaboradoras do Almanaque de lembranças luso-brasileiro. E assim mesmo foram raras. Nísia Floresta surgiu – repita-se – como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio dos homens a dominarem sozinhos todas as atividades extradomésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase histórias do Trancoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nísia. (FREYRE, 2013, 144)

Diante da afirmação do autor percebe-se que mesmo com timidez e opiniões preconceituosas, algumas mulheres se sobressaíram na literatura como foi o caso de Nísia Floresta e muitas outras que surgiram depois dela.

Segundo Schumacher;

O gosto de Teresa Margarida pelas ciências e pelas artes tornou-a uma das mais célebres mulheres de seu tempo, como atesta sua correspondência com Alexandre de Gusmão, frei Manuel do Cenáculo, Furtado de Mendonça, entre outros. Em 1752, com cerca de 40 anos, Teresa publicou, sob o pseudônimo de Dorotea Engrassia Távare da Dalmira, o livro *Máximas de virtude e formosura*, reeditadas sob o nome de *Aventuras de Diófanes* no ano de 1777. Nele, a autora critica os abusos da monarquia absolutista, propugna a escolha de ministros honestos e competentes, defende a autonomia das terras dos ex-bárbaros (provavelmente a colônia portuguesa na América) e reivindica a educação da mulher. Este é o mais antigo texto ficcional escrito por uma mulher em língua portuguesa e o primeiro de um autor brasileiro. (SCHUMACHER, 2000, p. 586)

Tereza Margarida foi mais uma das inúmeras mulheres que usaram a literatura como meio de expressar todo seu descontentamento em relação à sociedade da época e com muita coragem publicou sua obra, mesmo que com um pseudônimo ela deu um impulso na literatura, sendo a primeira romancista em língua portuguesa.

No entanto, somente a partir da Semana de Arte moderna as mulheres tiveram mais destaque no meio literário sendo representado aí por Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector entre outras.

Por tudo isso o que se constata, é que o caminho até a chegada dessas conquistas foi longo e sofrido, com tudo ainda não acabou, pois, as mulheres do século XXI ainda esperam serem respeitadas e tratadas de forma igual, não somente por uma obrigação mediante leis, mas, através da consciência humana de uma sociedade tão moderna.

3 SOBRE A AUTORA DA OBRA

Nascida em 17 de novembro de 1910 em Fortaleza Ceará, filha de Daniel de Queiroz Lima e Clotilde Franklin de Queiroz, irmã de três meninos e uma menina, apesar de algumas dificuldades Rachel teve assim uma infância feliz. Viveu no Ceará até seus sete anos, quando foi obrigada juntamente com sua família a se mudarem para o Rio de Janeiro devido à forte seca que castigava o Nordeste. Em seguida se mudaram para o estado do Pará e após dois anos retornaram à sua terra natal.

Desde cedo Rachel de Queiroz demonstrou interesse pelas letras formando-se professora em 1925, com apenas 15 anos de idade. Ingressou no jornalismo em 1927 no Jornal “O Ceará” não assumindo sua verdadeira identidade, mas, usando o pseudônimo de Rita de Queluz. Nesse momento da sua vida, Rachel de Queiroz já demonstrou muita coragem e personalidade ao publicar uma carta ironizando o concurso Rainha dos Estudantes. Essa publicação a rendeu uma bela promoção no jornal e conseqüentemente se tornou mais conhecida.

Alguns anos depois ela escreveu seu primeiro livro “O Quinze” que é publicado mais tarde em 1930. Esse livro é consagrado o marco inicial de Rachel de Queiroz no mundo literário, pois, o livro retrata o sofrimento do povo nordestino em meio à seca e o descaso social. A obra foi tão bem vista pela elite literária da época que recebeu o prêmio Fundação Graça Aranha.

Depois do livro “O Quinze”, a autora ainda escreveu outras obras como: João Miguel (1932), Caminho de Pedras (1937), As Três Marias (1939), Três Romances (1948), O Galo de Ouro (1950), Lampião (1953), A Beata Maria do Egito (1958) Quatro Romances (1960), O Menino Mágico (1969), Seleta (1973), DôraDoralina (1975), Memorial de Maria Moura (1992), Andira (1992), As Terras Ásperas (1993), Teatro (1995) e Falso Mar, Falso Mundo (2002). Escreveu também algumas crônicas como: A Donzela e a Moura Torta (1948), Cem Crônicas Escolhidas (1958), O Brasileiro Perplexo (1963), O Caçador de Tatu e outras Crônicas (1967), As Meninhas e outras Crônicas (1967) e O Jogador de Sinuca e Mais Historinhas (1980).

Além da literatura a autora também teve muito interesse na política, tanto que em 1928 ingressou no Grupo Operário Camponês em Fortaleza que se tornaria mais tarde o Partido Comunista Brasileiro. Mesmo sendo mulher e enfrentando

muito preconceito na época, ela participava de reuniões e sempre se posicionava quando necessário. Em 1937 Rachel teve sua casa invadida e muitos documentos apreendidos resultando assim na censura de algumas obras suas que foram queimadas e impedidas de circular, tudo isso pelo forte envolvimento da autora como partido comunista.

Rachel de Queiroz casou-se duas vezes, primeiro com José Auto da Cruz Oliveira em 1932 com quem teve uma filha que mais tarde morreu após adquirir uma forte febre. Separou-se em 1939. Após um ano, casa-se com Oyama de Macedo, com quem permanece o restante da vida. Também em 1939 ela se muda definitivamente para o Rio de Janeiro, com uma boa recepção na cidade maravilhosa ela dá seguimento à sua carreira jornalística e literária.

E em 1977, Rachel de Queiroz realiza seu maior feito, se torna a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Por 21 votos a 15 ela vence Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda no dia 04 de agosto, e tomou posse dois meses depois ocupando a cadeira de número cinco. Isso se tornou algo admirável para história das mulheres, por tamanha força e resistência que Rachel de Queiroz teve que enfrentar.

Como se nota, Rachel de Queiroz sempre foi uma mulher à frente do seu tempo, em muitos romances que escreveu percebe-se a preocupação dela com o sofrimento do povo nordestino, com as dificuldades sociais e principalmente com a criação de fortes personagens feministas singulares. Diante de toda sua trajetória ela foi uma forte influência para outros autores da época e atualmente ainda é venerada por todos aqueles que gostam de literatura assim como declara Heloísa Buarque de Hollanda:

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever (HOLLANDA, 2004, p. 297).

Portanto, Rachel de Queiroz foi e sempre será um grande exemplo de força e coragem para se conseguir aquilo que almeja. A autora encerrou sua carreira em 04 de novembro de 2003 aos 92 anos de idade, quando morreu em sua casa no Rio de Janeiro deitada em sua rede. A morte da escritora comoveu a todos por tamanha contribuição ao jornalismo, à literatura brasileira e ao teatro. Enfim,

Rachel de Queiroz não mais está presente em corpo humano aqui na terra, mas, permanece viva em suas inúmeras obras.

3.1 Personagens transgressoras de Rachel de Queiroz

Para a palavra transgredir o melhor conceito que se pode aderir é “Ultrapassar o limite de algo”, ou seja, aquele (a) que transgride vai além daquilo que é permitido e muitas vezes tenta mudar uma determinada situação. E diante da literatura, o vasto acervo de romances de Rachel de Queiroz é sem dúvida admirável, e se torna mais interessante ainda pelo fato de trazer em sua grande parte a representação de mulheres transgressoras. Assim como ela é um exemplo em sua vida pessoal, a autora fez questão de criar personagens com ideais muito além de meros costumes sociais. Conforme Abreu:

Há, internamente, um fio que une todos os romances, do primeiro, O Quinze (1930), ao último, Memorial de Maria Moura (1992), cujo sentido recai na construção das personagens femininas, em especial naquelas que protagonizam as obras. Em seu âmago, as personagens cultivam uma postura bastante diferente da que se esperava para a mulher da época, cuja formação pautava-se no sistema patriarcal, fazendo com que a criação literária feminina de Rachel de Queiroz ultrapasse as barreiras impostas à mulher, rompendo com o papel a ela reservado. (ABREU, 2016, p.12)

Essas mulheres podem ser facilmente identificadas nas seguintes obras: O Quinze, João Miguel, As Três Marias, DôraDoralina, Memorial de Maria Moura e Caminho de Pedras que é a obra em análise. Em ambas as obras percebem-se as personalidades marcantes das protagonistas.

Em “O Quinze” observa-se uma história de sofrimento em meio à seca e a pobreza, uma família que é obrigada a se mudar de seu lugar de origem para tentar sobreviver. E no decorrer da história aparece Conceição, uma jovem que adorava ler livros, trabalhava fora do lar e nem pensava em casamento. Ou seja, um tanto diferente das demais moças da sua idade na época em que vivia.

No livro João Miguel apesar de se tratar da história de um homem, Rachel de Queiroz não deixa de apresentar o papel diferenciado de uma mulher. Nesse caso, quem se destaca é Santa a esposa de João. Ao passo em que ele é preso, ela o apóia até determinado tempo, no entanto, sofre necessidades financeiras e também sente a falta de um homem em sua vida sentimental, o que acaba fazendo com que ela se envolva com outro homem e abandone João Miguel.

No contexto em que a história se passa, Santa apresenta uma forte carga de transgressão pelo fato de entregar-se a seus desejos e necessidades ao invés de seguir o roteiro esperado que seria aguardar fielmente a saída de seu companheiro.

Na obra “As Três Marias”, a história faz menção às três meninas Maria da Glória, Maria José e Maria Augusta que passam a infância em um convento e têm suas histórias entrelaçadas. As duas primeiras, ao saírem do convento correspondem às expectativas da sociedade. Maria da Glória se casa e sente-se realizada, já Maria José segue a vida religiosa, enquanto Maria Augusta vai totalmente à contramão, quando decide lutar pela sua liberdade financeira e amorosa. Essa personagem se apresenta como a mulher que “personifica, na primeira metade do século passado, a ação corajosa da mulher brasileira para tornar-se dona do seu destino e construtora do próprio futuro” (ABREU, 2016, p.33 apud CAMINHA, 2010, p. 16)

Em “Dôra Doralina” a protagonista é descrita com muitos defeitos, sonhos e ousadias. Uma moça que vive em uma fazenda sofre a ausência do pai que faleceu quando ela ainda era pequena e com a indiferença de uma mãe autoritária. Como de costume naquele período, ela casa-se cedo, mas, também fica viúva precocemente. Após esse fato ela decide partir para a cidade e em busca de uma nova perspectiva de vida e lá acaba conhecendo uma companhia de teatro e parte junto com eles, vivendo inúmeras aventuras sem se importar com a opinião da sociedade.

Também em “O Memorial de Maria Moura”, observa-se a mulher em um papel heróico, no qual esta mulher sofre uma reviravolta quando se torna de vítima ingênua, à chefe de um comboio. “Maria Moura é aquela que representa a exceção, pois se transfigura em guerreira com toda a força da palavra, torna-se chefe de uma cabroeira que saqueia, assalta e dá proteção a homens jurados de morte. Com isso, torna-se mulher conhecida e temida no sertão”. (ABREU, 2016, p.13)

Portanto, vale realçar que a presença de personagens mulheres com características determinadas e corajosas é uma marca de Rachel de Queiroz. Algo interessante a ser frisado, é o final que a autora dá a cada personagem. Em ambas, as personagens acabam solitárias e ainda em buscar de algo, ou seja, ela faz menção à luta enfrentada pelas mulheres que tentam de alguma forma se destacar socialmente.

3.2 Caracterização e definição da personagem Noemi

Seguindo seu estilo simples e sóbrio de escrever, Rachel de Queiroz apresenta a protagonista Noemi como uma mulher de vontade própria, firme, acostumada a lutar como um homem, mas, sem deixar pra trás seu lado feminina que chamou atenção daquele que seria seu futuro companheiro. Conforme a escritora Rachel de Queiroz:

Não queria pensar nas conversas dos outros. Antes queria ver-se livre deles e pensar em si mesmo – pensar em alguma mulher: vontade por exemplo, de recordar a conversa do café, com Noemi. Esquecer as coisas sérias que poderia haver de separá-los: o marido, o filhinho que tinha dor de ouvido, o amor dela pelos dois, os deveres. Lembrar apenas o que um homem qualquer pode guardar de uma mulher moça que lhe passou pelo caminho: a risada clara, os dentes brancos, o brilho alegre dos olhos inteligentes e aquele cabelo macio e cheiroso que a todo instante ela empurrava, impaciente, para trás das orelhas. (QUEIROZ, 2010, p.39)

Nesse trecho do livro, a autora expressa através de Roberto o quanto Noemi se mostrava sedutora e se conservava bonita. Em toda a obra não se encontram muitos traços físicos dessa personagem, o que se pode identificar é que ela ainda era considerada jovem, magra e de pele morena. Pode-se observar, que o que se mais destaca na apresentação de Noemi, são seus traços psicológicos.

No primeiro momento é possível identificar uma forte personalidade de Noemi, quando se observa que mesmo em um período de muito conservadorismo e machismo ela já trabalha fora do lar. No decorrer da história ela começa a aflorar cada vez mais seus desejos e pensamento que um dia foram reprimidos. De acordo com a escritora Rachel de Queiroz:

Sentia que confusamente vinham à tona, naquele instante, todos os sentimentos e desejos sufocados desde pequenina, que se envergonhava deles - porque lhe diziam que era pecado, mas agora se mostravam estranhamente nítidos e atuais, atropelando-se uns aos outros, desiguais, reabilitados, novíssimos.[...] O seu amor por todos os homens, brancos e pretos, a velhinha arrimada no cacete, o menino triste que não podia entrar no cinema, coisas que sempre escondera, como sentimentalismo pueril...Seus ansiosos desejos de adolescente, a que o casamento decepcionara, cortara as asas. (QUEIROZ, 2010, p.61)

Esses desejos nos quais Noemi se refere, foram surgindo exatamente após seu envolvimento com a criação do partido comunista. Para ela foi o momento de desprendimento, novas idéias, conhecimento, domínio próprio, enfim tudo aquilo que a tornava participativa na sociedade. E juntamente com esses ideais políticos, reapareceu também o lado ousado de Noemi em relação ao amor, em relação ao sexo oposto. E dessa forma ela acabou se entregando àquilo que ela desejava,

sentia-se imensamente corajosa para viver um caso com outro homem que não fosse seu esposo. Como se observa no diálogo entre Noemi e Roberto:

Ergueu-se. Apanhou o chapéu. Encaminhou-se à porta. Pela primeira vez, naquela noite, Noemi sentiu uma tonteira amorosa que a possuía, um desejo violento de que ele a agarrasse nos braços. Roberto já estava na soleira, abria a porta. A moça chegou bem próximo, pôs-lhe a mão no braço.

– Roberto, por que você não me beija? (QUEIROZ, 2010, p. 76)

O que se verifica é que o desejo de Noemi por Roberto é nítido, sendo que o mesmo também a corresponde. Após o adultério se consumir de fato, a protagonista sofre ao romper com alguns princípios que ela mesma se orgulhara um dia, quando assumiu seu papel de esposa e mãe. Mesmo com todo remorso que passou a carregar, ainda assim seguiu em frente naquilo que sentia, se transformando então na personagem transgressora da qual esse trabalho se fundamenta.

Com o passar do tempo as ideias foram se tornando cada vez mais claras na cabeça de Noemi. Então ela se permitiu assumir seu verdadeiro papel feminista diante da sociedade, mesmo não lutando especificadamente por direitos das mulheres, ela teve um papel importante representando a figura feminina. Portanto, sua participação se tornou cada vez mais frequente em reuniões importantes, comícios reivindicando direitos, inclusive correndo o risco de ser presa. Porém esses riscos não foram suficientes para fazê-la parar, pelo contrário, isso a tornava mais forte. Como se atesta na citação abaixo:

- Mandaram isso pra mim como experiência, porque sou um elemento novo e tenho que dar provas. Você é de categoria, não deve se desperdiçar em ninharias. Mas Roberto não se importou, não se comoveu com o sorriso dela, insistiu:

- Vou. Nem diga mais nada, pois de qualquer jeito eu vou. Você não pode ir só; pode ter alguma coisa. A cidade estava toda escura, um vento de madrugada já corria pela rua, vindo do mar. De vez em quando Noemi se abaixava, enfiava o papel debaixo da porta, erguia-se, com um sorriso nervoso. Roberto queria ajudar, ela não deixava.

- Não senhor, a tarefa é minha. Nem se meta que eu não deixo. (QUEIROZ, 2010, p.154)

Nesse momento Noemi participa de uma missão dada a ela pelo partido, de certa forma foi uma maneira de testá-la e mesmo sendo mulher e considerada frágil, ela não hesita em aceitar o desafio. Naturalmente Roberto não permitiu que fosse sozinha e durante essa missão ela sofre o golpe da prisão dela e do companheiro, o que fortaleceu mais ainda sua personalidade. Dessa maneira, diante

das dificuldades Noemi vai construindo um novo olhar para vida, mas sem deixar morrer seus ideais.

3.3 Caminho de pedras: enredo

A obra *Caminho de Pedras* se caracteriza como um romance proletário, ou seja, uma história que se trata de assuntos relacionados às questões referentes aos trabalhadores envolvendo assim assuntos políticos sociais. Como já se era esperado um grande sucesso, quando publicado em 1937 pela editora José Olympio, o livro foi lançado com muito prestígio pela editora, que fez questão de exaltar Rachel de Queiroz:

A senhora Rachel de Queiroz é um dos nomes triunfantes de nossa literatura. Seu romance *O Quinze*, trabalho de estréia, já se encontra em segunda edição e foi premiado pela Fundação Graça Aranha. João Miguel mostrou que a escritora cearense não adormecera no êxito inicial e estava realmente disposta a produzir novos livros, ferindo aspectos vários. Falou-se num volume seu em que seriam historiadas em conjunto as letras nacionais. Enquanto isso, ia a sra. Rachel estampando nos periódicos do país, felizes ensaios, num dos quais estudava a complexa figura do Padre Cícero. E agora é este *Caminho de pedras*, tão sugestivo a partir do título e de onde a autora joga com um material humano de bastante riqueza, empenhada sempre em resolver dolorosos problemas do amor e da morte. (OLYMPIO, 1937, p.181 apud GUERELLUS, 2008, p.36)

É importante ressaltar, que por ter sido criado após grandes sucessos de Rachel de Queiroz o romance gerou grande expectativa, tanto por parte dos leitores quanto dos críticos. A crítica literária apontou muitos defeitos em relação ao romance, de fato o livro não teve uma boa recepção e isso pode ser notado através da defesa de Almir de Andrade em relação à autora:

O acolhimento que fez a crítica ao último romance de Rachel de Queiroz contrasta de modo curioso com o acolhimento feito às suas obras anteriores. Ouvimos as acusações as mais disparatadas e ridículas: até acusadores anônimos têm vindo à baila, aparecendo pela primeira vez nas colunas dos jornais para atirar em rosto da romancista cearense increpações nascidas não sei de que subterrâneas intenções de mediocridade e de despeito... Não se limitam eles à tentativa risível de criar escândalo em torno do romance: chegam a ferir a própria romancista, condenando-a à decadência e ao esgotamento da sua capacidade literária. (ANDRADE, 1937, p.275 apud CAMARGO, 1997, p.26)

Como se nota, embora tenha sido alvo de muitas críticas, “*Caminho de Pedras*” ainda assim sobreviveu, foi instrumento importante e deu seguimento às grandes obras de Rachel de Queiroz que não se abateu diante dessa dificuldade, mas, prosseguiu escrevendo e se sobressaindo no meio literário.

A história se passa na cidade de Fortaleza em 1937, e tem como pano de fundo a ditadura militar no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas. Abreu diz que:

[...] trata-se de um romance sobre a organização partidária no Ceará e suas engrenagens autoritárias. Embora desvie-se do flagelo da seca, permanece com a sua raiz nordestina voltada para as questões sociais e tendo como expoente máximo a discussão do papel da mulher na sociedade em que se insere (ABREU, 2011, p.17 apud ABREU, 2016, p.37)

Assim como em outros romances seus, Rachel de Queiroz faz questão de expor a difícil luta por liberdade social e a ousadia de uma personagem feminina que acaba tomando conta do papel principal da história. As personagens principais são Noemi que é casada com João Jacques, o filho do casal que se chama Guri e Roberto que se torna mais adiante o parceiro da protagonista. Tudo começa quando o jornalista Roberto retorna à Fortaleza depois de dez anos, volta para a cidade em busca de melhorias para si e para seus colegas operários. E então decidem fundar um grupo partidário.

Por coincidência, o destino de Roberto e Noemi se cruza logo na chegada do jornalista, quando se olham pela primeira vez em uma banca de café. Isso é observado na obra:

Defronte do rapaz, duas moças que bebiam devagarinho um café, levantaram-se às pressas. A mais velha era gorda, pálida, e tinha um ar cansado de insônia. A outra era viva, risonha, barulhenta. Deixou cair o lenço e a bolsa; o livro que trazia debaixo do braço escorregou e bateria igualmente no chão se ela não o apanhasse no ar. Quando sorria, mostrando os dentes claros, parecia uma menina. Mas se ficava séria, um certo ar de tristeza a toma e os olhos erravam vagos pelas coisas. Pagou, sorrindo à pequena, fechou com ruído a bolsa. Roberto olhava risonho para aquele movimento que vinha lhe quebrar um pouco o tédio de esperar. (QUEIROZ, 2010, p.10)

A história dos dois iniciou-se naquele momento, mas, distante daquela banca de café, Noemi vivia com seu esposo e filho, um casamento já sem amor e bem rotineiro que tornara o casal bem mais amigos do que namorados. Como o homem da casa, João Jacques não deixava que faltasse nada financeiramente para sua família, e também se mostrava amoroso e compreensível em relação às ideias da esposa.

Noemi era uma mulher de pulso forte, nunca se contentou somente em ficar em casa para cuidar de seu filho, ela trabalhava em uma fotografia e de certa forma ajudava nas contas de casa. Mesmo com a desaprovação do marido aos

poucos ela foi se envolvendo nas reuniões do grupo político, e a cada reunião ela se sentia mais livre ainda.

Quando Noemi se encontrava com Roberto ele fazia com que se sentisse igual a ele, através das inúmeras conversas ela começou a enxergar a possibilidade de novas escolhas, novas idéias e um futuro diferente. Com o passar do tempo a amizade se transformou em amor e quando menos se deu conta Noemi já estava vivendo um caso extraconjugal. Algo que lhe trazia felicidade e ao mesmo tempo lhe trazia um sentimento de culpa, portanto resolveu contar tudo para seu marido e pedir a separação.

Essa atitude custou-lhe muito caro, pois o pai do garoto decidiu ir embora, mas levaria seu filho consigo, tal ameaça mexeu muito com Noemi ao ponto de implorar ao homem que não levasse seu filho, envolveu a criança, houve choro e gritos, mas por fim João Jaques decidiu deixar o garoto com a mãe, e partiu solitário. Fato descrito pela escritora Rachel de Queiroz:

Noemi só foi saber que João Jaques embarcara quando chegou de volta do trabalho. O próprio Guri lhe contou que o pai viera em casa, à tarde, reunira a roupa e uns livros na mala, abraçara-o muito tempo – parecia até que tinha chorado. (QUEIROZ, 2010, p.114)

Na região do Nordeste um homem traído tem duas opções: agir com violência para com os amantes ou ir embora pra bem longe, para fugir da vergonha de ter sido enganado e não fazer nada. Para João Jaques foi melhor ir embora, já que ele não era um homem agressivo. Portanto, não só no Nordeste, mas, em todas as regiões brasileiras percebe-se que os homens não conseguem agir de forma passiva diante de uma traição, enquanto esperam que as mulheres aceitem sem reclamar.

Ainda sofrendo as conseqüências de sua decisão, Noemi passou a ter seu nome em todas as rodas de conversa da vizinhança, todos a apontavam como a adúltera que colocou o marido para fora de casa. A antiga amiga recusava-se a sair novamente com Noemi para não manchar sua reputação. E a gota d'água foi sua demissão, seu patrão também alegou a boa reputação de seu estabelecimento e afirmou que suas clientes já haviam reclamado. E então, sua cabeça se encheu de incertezas, o que faria de agora em diante? A resposta ela mesmo já sabia: ser sustentada por Roberto e esquecer seu orgulho.

Enquanto isso a luta dos operários continuava, Roberto e seus companheiros seguiam dedicados ao movimento, entretanto as coisas se

dificultavam cada vez mais, a ditadura punia severamente aqueles que buscavam direitos contrários aos do governo. Noemi como sempre apoiando seu companheiro e acreditando em dias melhores. No entanto, os dias que se sucederam não foram nada agradáveis. Noemi sofreu a morte de seu filho Guri, que adquiriu uma forte febre e não resistiu. Esse foi um golpe muito grande para ela que por muito tempo permaneceu arrasada, sufocada, incompreendida e envergonhada. Como menciona a citação abaixo:

Olhou duramente o peito, o seio que a boquinha dele sugou tantos meses, que ele amava e desejava com tanta fúria. Correu as mãos pelo ventre, pelos quadris, por esse corpo que ele ocupou, do qual foi mais senhor do que um amante. Ah, o orgulho de ter saído da sua carne aquela perfeição, as mãozinhas, a cara, o sorriso, o cabelinho crespo! Parou de novo o olhar em si, com rancor, com um desejo mau de destruição. Estéril, inútil. Perdeu o filho, como um bicho que perde a cria, e continua vivendo, feliz, engordando, arranjando outros. Até que chegou a um ponto em que não pôde mais, enrolou-se no roupão, cobriu com as mãos o rosto num acesso medonho de desespero. Caiu na cama, chorou, chorou como ainda não chorara um choro que subia das entranhas, que queimava o peito, os olhos, a cabeça, como um fogo, como um veneno. (QUEIROZ, 2010, p.157)

Um ano se passou, e as coisas naquele momento só pioravam. Em uma missão que envolvia o grupo a quem pertencia, Noemi decide ajudar Roberto e os dois acabam sendo presos. Ela como estava grávida foi solta em dois dias. Roberto, no entanto foi levado e nem se sabe ao certo para onde.

Noemi seguiu a vida, agora com uma imensa tristeza no olhar, sem marido, sem emprego e com um futuro cheio de incertezas. Passou a ser costureira para tentar se sustentar. O último trecho do livro resume bem a trajetória da protagonista, quando ela sobe uma ladeira conversando com o filho que ainda está na barriga e tropeça em uma pedra podendo assim parar sua caminhada, mas, mesmo assim escolhe continuar. Na citação a autora Rachel menciona:

Pisou em falso numa pedra solta. Arrimou-se ao muro. O pequeno parece que se sacudiu todo, comovido também com o choque.
Noemi sorriu, amparou com a mão o ventre dolorido: - Mais devagar ai companheiro!
E voltou a subir a ladeira áspera, devagarinho. (QUEIROZ, 2010, p.156)

Assim com em outras obras de grande relevância para a sociedade brasileira, Rachel de Queiroz encerra essa história, deixando no ar algumas reflexões sobre a opressão política da época e o sofrimento das mulheres. “Rachel realça, em suas obras, a importância da mulher e de suas conquistas, atuando, como escritora renomada, em um meio essencialmente masculino. Portanto, não há como negar a sua importância nessas mudanças.” (ABREU, 2016, p.110)

4 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA: NOEMI EM PARALELO À MULHER ATUAL

Sabe-se que a literatura foi e sempre será muito importante na construção intelectual do Brasil. Por meio desta, lançaram-se muitos nomes relevantes e temas importantes para melhorias sociais, dentre esses temas, pode-se destacar a trajetória feminina e suas lutas. Em “Caminho de Pedras”, por exemplo, tem-se a história de Noemi, que sempre viveu para sua casa e sua família, agindo exatamente como a sociedade exigia na época, porém, sentia-se incompleta e com sede por mais conhecimento e envolvimento na política, foi quando começou a participar das reuniões de criação de um partido e se deu conta de que necessitava aprender mais.

Sentia-se com a cabeça cheia de histórias novas, de mulheres heróicas, livres e valentes. Esquecida, naquele momento, das contingências da sua vida, da disciplina doméstica, da cama comum, da promiscuidade e dos compromissos com alguém. Era apenas uma alma livre, ouvindo histórias de outras almas livres. Fugira do seu centro habitual de gravidade, perdera a noção do pão nosso de cada dia. Naquele momento, nada era moral nem imoral, nada proibido nem permitido; não havia hora, não havia espaço: só a embriaguez do momento de revelação, das possibilidades de libertação. (QUEIROZ, 2010, p.60)

Nesse trecho do livro Noemi retornava de uma das reuniões, quando se sentia emocionada e ao mesmo tempo motivada a não desistir de uma vida melhor, ouvindo grandes feitos de pessoas que deixaram seus nomes na história. Esse momento se torna ímpar na vida da protagonista, pois, é o momento de novas descobertas e desafios relacionados à sua própria liberdade, não somente a liberdade de ir e vir, mas, principalmente a liberdade de seus ideais, e o desprendimento simples da esfera doméstica. “A liberdade liga-se ao poder de decisão, de escolha”. (TELES, 2001, p.30).

Dessa maneira entende-se que, falar sobre os direitos da mulher e as injustiças relacionadas a ela, não se restringe há muitos anos atrás, muito pelo contrário, apesar de haver algumas leis que garantem essa igualdade de gênero, ainda hoje se mantêm situações que demonstram uma grande desigualdade de direitos entre homens e mulheres. E isso pode ser confirmado através da comparação entre a vida social de Noemi em 1937, onde pouco se dava visibilidade para questões femininas com a vida atual das mulheres até o ano de 2017. No

decorrer da história as mulheres se desvincilharam do ambiente doméstico para assumirem tarefas que sempre duvidaram que fossem capazes.

4.1 A mulher no âmbito conjugal

Segundo o dicionário brasileiro Aurélio: “casamento é a união solene entre duas pessoas de sexos diferentes, com legitimidade religiosa e/ou civil”. No ato do casamento inicia-se a união de duas pessoas, na qual ambos devem se ajudar na construção de uma família. Há séculos atrás o casamento era realizado através de acordo entre famílias. Os pais desde cedo escolhiam os maridos para as jovens, e essas deveriam, portanto se manter virgens até o dia do seu casamento, caso contrário o acordo seria desfeito. Nesse momento já é possível perceber o poder que o homem exercia sobre a mulher antes mesmo de tê-la como esposa.

Segundo Beauvoir:

Motivos racionais desempenham certamente um papel no dever de virtude imposto à jovem; tal como a castidade da esposa, a inocência da noiva é necessária para que o pai não corra o risco de legar seus bens a um filho estranho. É, porém, de uma maneira mais imediata que a virgindade da mulher é exigida quando o homem encara a esposa como sua propriedade pessoal. Primeiramente, a idéia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. E, depois, nada se afigura mais desejável ao homem do que o que nunca pertenceu a nenhum ser humano; a conquista se apresenta, então, como um acontecimento único e absoluto. (BEAUVOIR, 1970, p.196)

De acordo com a autora, a virgindade da mulher naquela época era de suma importância tanto para os futuros maridos quanto para os pais, ou seja, ambos eram beneficiados. Os pais com o orgulho de honrar um contrato e não serem envergonhados e os maridos com o orgulho de possuir algo que ninguém antes dele teria possuído. Portanto, antes mesmo do casamento a mulher já era controlada.

Com o passar do tempo essa situação foi mudando, os casais passaram a se escolherem por conta própria e organizarem seus casamentos. O que não mudou foi à forma de desigualdade entre marido e mulher.

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; êle é encarado antes de

tudo como produtor e sua existência, justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. (BEAUVOIR, 1967, p.166)

O casamento deveria ser algo que trouxesse prazer e alegria para ambos, no entanto a mulher sempre sofreu desde o início, isso ocorre porque ela não tinha outra escolha, de uma forma ou de outra a mulher necessitava de um bom casamento para se realizar socialmente.

A vocação do homem é a ação; êle precisa produzir, criar, progredir, ultrapassar-se em direção à totalidade do universo e à infinidade do futuro; mas o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com êle; confina-a na imanência. Ela não pode portanto nada se propor, a não ser construir uma vida equilibrada, em que o presente, prolongando o passado, escape às ameaças do dia seguinte, isto é, precisamente, edificar uma felicidade. Na falta de amor, ela terá pelo marido um sentimento terno e respeitoso chamado amor conjugai; ela encerrará o mundo entre as paredes do lar que será encarregada de administrar; perpetuará a espécie humana através do futuro. (BEAUVOIR, 1967, p.194)

Diante desse casamento tradicional, as mulheres sempre se mantiveram obedientes em todos os aspectos, enquanto os homens tiveram total liberdade para ultrapassarem seus próprios limites. Ou seja, antes do casamento o homem espera que a mulher o honre com a virgindade e durante matrimônio que ela haja com fidelidade e submissão, enquanto ele deve apenas fornecer o sustento financeiro.

No entanto, na literatura, Rachel de Queiroz foi criadora de algumas protagonistas ousadas e revolucionárias, que não se prenderam a casamentos sem amor e submissos, assim como a personagem Noemi.

Analisando o casamento de Noemi, percebe-se quão difícil é para uma mulher lidar com o casamento sem amor e mantido só por convivência. Noemi já não se sentia plenamente feliz ao lado do seu esposo, pois seu casamento acabara caindo na rotina, e ela já não o amava como antes. Foi então que acabou se envolvendo com outro homem. E com o caráter que Noemi possuía, ela jamais seria capaz de continuar casada com João Jaques estando apaixonada por outro, então decidiu separar-se. “As protagonistas de Rachel de Queiroz não vêem no casamento a solução para seus problemas e, mesmo pressionadas, tentam encontrar alternativas de realização, além daquelas permitidas”. (GUERELLUS, 2008, p.69)

Assim como a protagonista dessa história, muitas mulheres hoje em dia ainda vivem o mesmo drama de Noemi. Um casamento rotineiro e muitas vezes mantido por causa de filhos ou necessidade financeira. É importante atentar-se para as atitudes das mulheres com relação ao adultério, assim como Noemi, a

maioria das mulheres não conseguem mais permanecer com o marido após ter se relacionado com outro homem. O que acaba gerando a separação e conseqüentemente o escândalo social.

Como a mulher era vista como um ser doméstico e sujeita ao marido, após a descoberta do caso de Noemi, seu esposo foi embora, e a ela restou apenas má fama no meio social em que vivia.

MUITO SE COMENTOU na rodinha da praça, no curso em casa de Angelita, em todos os pontos de reunião, os amores de Noemi e Roberto, a inesperada partida de João Jaques.

Em geral condenavam Noemi. Ainda era muito vivo, em todos, o terror do adultério. Queriam ser independentes, tinham idéias, mas no fundo do coração tinham horror da coisa ruim, do nome feio.

E depois, era patente que Roberto e Noemi eram amantes há muito tempo, mesmo nas barbas do marido. Quem sabe até se ele não ignorava nada..."cachorrices de pequenos burguês"... (QUEIROZ, 2010, p.16-17)

Nesse trecho da história, a autora expõe o grande desafio da mulher diante de uma separação naquele período. Deixando claro o poder de crítica e julgamento feito pela sociedade, sem ao menos levarem em conta os sentimentos e os motivos que a levaram a tomar essa atitude.

Hoje em dia é mais comum as mulheres optarem pela separação, no entanto apesar do índice de divórcio ter aumentado no Brasil nos últimos anos, a mulher ainda sofre muito após uma separação. A sociedade faz questão de taxá-la como "sem-vergonha", "chifreira", "mãe desnaturada" entre outros termos. Ou seja, a liberdade de escolha de Noemi em relação ao seu casamento era desrespeitada naquela época e ainda continua sendo atualmente.

Diante do grande preconceito enfrentado por essas mulheres que decidem optar pela separação, nota-se que atualmente existe um olhar diferente das mulheres em relação ao casamento. Algumas preferem priorizar a carreira e tratá-lo como segunda opção, enquanto outras nem sequer pensam em um dia casar-se. A maioria das mulheres hoje em dia, pensa bem mais em cursar uma universidade, fazer algum tipo de intercâmbio, ter uma vida financeira confortável, viajar, conhecer pessoas novas, em fim, elas não encaram o casamento como único objetivo de vida.

4.2 A violência contra a mulher

Outro fato que se tornou assustador para as mulheres atualmente é a violência, seja ela física, sexual, verbal ou psicológica. Os números de atendimentos às essas vítimas de violência física crescem de forma absurda como mostra o “ligue 180”, publicado em agosto de 2016:

O número da primeira metade de 2016 é 52% maior que o de atendimentos realizados no mesmo período de 2015, 364.627. Ainda comparado ao primeiro semestre do ano passado, os dados deste ano são 42% maiores nos registros de cárcere privado, com a média de dezoito por dia, e de 147% nos casos de estupro, média de treze por dia.(PORTAL BRASIL, 2016)

Com base nesses números é evidente que a violência contra a mulher está se tornando algo rotineiro em nosso país, esses casos acontecem em qualquer lugar em que a mulher esteja inserida, mas a maioria deles pode ser observado durante ou após o término de um relacionamento, caracterizado como violência doméstica. Segundo dados publicados na Rede de Notícias R7:

A SIS (Síntese dos Indicadores Sociais), pesquisa divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nesta sexta-feira (17), mostra que, na maioria das vezes, a violência contra a mulher parte de seus próprios companheiros. Segundo o estudo, em 68,7% dos casos registrados no ano passado pela Central de Atendimento à Mulher (180), ligada à Secretaria de Políticas para as Mulheres, o agressor é o marido, namorado ou companheiro da vítima.(CAM, 2010)

De acordo com esses dados pode-se perceber que a mulher sofre violência dos seus próprios parceiros. E muitos casos ocorrem quando a vítima tenta por fim ao relacionamento e o companheiro não aceita. Inclusive foi criada uma lei para que haja punição para esses agressores, essa lei existe também por causa de uma mulher que quase perdeu a vida nas mãos de seu companheiro.

Maria da Penha Maia Fernandes foi vítima do seu marido quando dormia e levou um tiro que a deixou paraplégica, quando já havia se recuperado sofreu nova violência ao ser mantida em cárcere privado e uma nova tentativa de homicídio por parte do seu esposo, no entanto, a mulher foi corajosa e conseguiu se libertar com as filhas. Esse caso ainda gerou muita repercussão e após grande luta na justiça, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 11.340, de agosto de 2006 com o nome de Maria da Penha em homenagem a essa mulher.

Por vezes a lei funciona, mas em muitos casos o agressor nem sequer é denunciado, ou, quando denunciado a própria vítima retira a queixa. Isso acontece

na maioria das vezes por medo do que o agressor possa fazer novamente e pela dependência financeira que a mulher tem do marido.

Na obra em destaque nessa pesquisa, a personagem Noemi não encontra essa dificuldade no momento da separação. Seu esposo não apresentava um perfil agressor e também não a dominava financeiramente, muito pelo contrário, Noemi sempre fez questão de trabalhar fora do lar, mesmo sofrendo a perda do seu emprego após a separação. E assim como a protagonista, atualmente o número de mulheres independentes financeiramente cresce a cada dia, o que acaba gerando um incentivo maior para que essas mulheres peçam o divórcio.

De acordo com uma publicação na internet pelo Âmbito Jurídico em 2010: “O IBGE registrou em 2010, 56.126 pedidos de divórcios, sendo 18.849 de forma não consensual. As mulheres lideram o ranking de pedidos com 13.297 casos, enquanto os homens fizeram p mesmo 5.552 vezes.” Sendo assim, percebe-se que na maioria das vezes é a mulher que está optando pelo divórcio, ou seja, a mulher atual busca cada vez mais alcançar objetivos além do casamento.

Vale ressaltar também, que a violência sexual cresce em números absurdos no Brasil. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha, publicada pelo G1:

Segundo o Datafolha, 40% das mulheres com mais de 16 anos sofreram assédio dos mais variados tipos em 2016: 20,4 milhões (36%) receberam comentários desrespeitosos ao andar na rua; 5,2 milhões de mulheres foram assediadas fisicamente em transporte público (10,4%) e 2,2 milhões foram agarradas ou beijadas sem o seu consentimento (5%). Adolescentes e jovens de 16 a 24 anos e mulheres negras são as principais vítimas. (DATAFOLHA, 2017)

O que mais se torna revoltante é saber que essas mulheres muitas vezes são vítimas dessa violência ao andar na rua, ou, ao ir trabalhar utilizando um transporte público. É triste viver em um país em que os homens podem falar e fazer o que quiserem com as mulheres. Recentemente em 27 de setembro de 2017 um homem foi preso após ejacular em uma mulher dentro de um ônibus, esse caso gerou grande revolta nos passageiros que estavam no ônibus e em toda sociedade brasileira. Após o ocorrido o acusado foi solto no dia seguinte, e o que torna a situação mais crítica é saber que a justiça insiste em deixar sem punição pessoas que cometem esses tipos de crimes.

A questão do físico das mulheres, do seu corpo e de suas roupas atualmente gera inúmeras discussões, porque para muitas pessoas a mulher deve

se vestir de forma mais recatada, ou seja, roupas longas que não mostrem o corpo, acessórios menos chamativos entre outros, pois caso contrário se ela vestir algo mais curto e sensual no qual ela se sinta bem, a mesma pode está instigando o homem a estuprá-la. Diante disso, leva-se a questionar: que tipo de liberdade é essa, onde a mulher não pode vestir a roupa que deseja por causa da reação de homens que nem se dão o trabalho de inventar outra desculpa pra agir como animais e violentar uma violentá-la? De fato essa é a realidade.

Além da violência física e sexual, as mulheres também são agredidas de forma verbal e psicológica, ou seja, quando são proferidas palavras ofensivas de desrespeito à moral das mulheres, lhes causando assim algum tipo de constrangimento. Dando seguimento dessa forma à violência psicológica, pois, a mulher passa a se sentir com autoestima baixa e começa a se denominar incapaz de qualquer ação independente de terceiros. E esses tipos de violência podem ocorrer dentro de casa, no trabalho, ruas e em transportes públicos entre outros.

Na obra analisada nesta pesquisa, têm-se um trecho onde é relatada a violência verbal sofrida por algumas mulheres em 1937, época em que se passa a história.

– Olhem, é tudo donzela, tudo é virgem! Muitas vão murchando, secando, sempre donzelas, sempre virgens!...
E a gente tem que ir em grupo, para a Rua do Chafariz...
Não é uma injustiça?
– Injustiça também para elas, que tem direito de viver e acabam vivendo logradas. Mas você tem um modo de reclamar que parece que é só seu direito que sofre. Quem ouve o que você diz tem a impressão de que a justiça está apenas em haver mulheres para seu prazer. (QUEIROZ, 2010, p.34)

Nesse momento está reunido um grupo de homens que fazem parte do partido político do qual a história faz menção. E se põem a discutir a respeito de algumas mulheres que passam no local, e um dos homens se refere de forma machista em relação a elas, pelo fato de desejá-las e saber que na condição social dele elas jamais se interessariam por um homem como ele. O que acaba gerando um pensamento bruto de achar que tem direito de desrespeitá-las. Ou seja, essa violência contra a mulher era vivida desde 1937 e cresce cada vez mais em 2017, simplesmente porque alguns homens acham que as mulheres têm o dever de servi-los incondicionalmente. De fato mudam-se os anos, mas, não as atitudes.

4.3 A figura feminina no mercado de trabalho

Sabe-se que há tempos atrás a mulher não exercia nenhuma outra função remunerada fora do seu lar. O homem era o responsável por trabalhar e sustentar a casa. Mas, isso foi intrigando a massa feminina, que começou também a querer trabalhar fora de casa e poder ajudar com as despesas, pois o trabalho doméstico além de não realizar a mulher por completo ele também não a recompensa financeiramente. Assim como afirma Beauvoir:

Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, êle a coloca na dependência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial. (BEAUVOIR, 1967, p.209)

Sendo assim, com o passar do tempo e com diversas transformações industriais, a mulher passou a conquistar cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho, pois as indústrias necessitavam de mão de obra e as mulheres passaram a preencher essas vagas. Porém, houve e ainda há muitos empecilhos pra que mulher não exerça certas funções.

Um desses empecilhos é a diferença de salário entre homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo: Segundo a Pesquisa Salarial do Grupo Catho a diferença entre os salários de homens e mulheres vem crescendo nos últimos anos. No ano de 2005, por exemplo, essa diferença era de aproximadamente 52% a mais para o salário dos homens e a base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que as mulheres brasileiras, apesar da maior escolaridade, recebem salários em média 30% menores do que os homens.

Portanto, é notória essa diferença de salários entre gêneros, além disso, também é importante frisar a desvalorização da mulher em algumas profissões sendo que ela se habilita a qualquer profissão.

A maioria das profissões não reclama uma energia superior à que a mulher pode desenvolver. E nos esportes, o fim visado não é um êxito independente das aptidões físicas: é a realização da perfeição peculiar a cada organismo. O campeão de pêso-pena vale tanto quanto o de peso pesado; uma campeã de esqui não é inferior ao campeão mais rápido do que ela: pertencem a duas categorias diferentes. São precisamente as sportistas que, positivamente interessadas em sua própria realização, se

sentem menos inferiorizadas em relação ao homem. (BEAUVORI, 1967, p.71)

De acordo com a afirmação de Beauvori, entende-se que o problema não está na capacidade da mulher em exercer alguma atividade e sim no pensamento errôneo de muitas pessoas em achá-la inferior, assim como ela afirma que ocorre com as esportistas.

Outro motivo que também dificulta a vida das mulheres em relação ao trabalho é encarar uma jornada dupla, ou seja, trabalhar fora e dentro do próprio lar dando suporte aos filhos, como afirma Bruschini:

Em 1980, 39% das brasileiras sem filhos trabalhavam, mas esse número caía para menos de 30% entre as mães. Porém, quando os filhos crescem e as mães podem ser substituídas ou ajudadas pela escola, sua disponibilidade para o trabalho volta a aumentar. Cerca de 41% das mães de filhos maiores de 7 anos trabalhavam em 1980, superando a atividade das que não eram mães. (BRUSCHINI, 1994, p.5).

Levando em conta esta afirmação, pode-se levar em conta o tamanho da responsabilidade do trabalho doméstico que é delegado às mulheres, transformando-se dessa maneira em um dos obstáculos determinantes para a diminuição da classe feminina atuante no mercado de trabalho. Levando em consideração que o homem não precisa se preocupar com esse tipo de responsabilidade, isto é, mais uma vez se constata a diferença entre gêneros.

O fato é que essa diferenciação já não deveria mais existir, pois, a própria Constituição Brasileira de 1988 declara a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (C/F, 1988, Art5º).

Diante da constituição que rege nosso país não deveria existir essa desigualdade entre gêneros, pois a lei é bem clara quando faz uso da frase, “todos são iguais” e logo mais adiante especifica “homens e mulheres”, como merecedores desse direito, no entanto, essa desigualdade perpetua desde o período patriarcal até os dias atuais

Quando se fala em direitos e deveres, se põe em questão coisas que de fato podem pesar na construção da personalidade de uma mulher. Para Beauvoir (1980, p.291) “É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda atividade pública,

vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os terrenos e confiar-lhe a empresa mais delicada, mais grave que existe: a formação de um ser humano.” De acordo com a filósofa, uma mulher torna-se plenamente humana quando ela tem a oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas, tendo em vista a sua capacidade de ser útil não somente em seu lar, mas, em toda uma sociedade.

Sendo assim percebe-se que ao suprir a necessidade de igualdade em relação às atividades públicas, está contribuindo não somente para o crescimento da vida material da mulher, mas, principalmente contribui para o seu crescimento interior. O ser humano vive em busca de explicações para sua existência, se propõe a descobrir algo que lhe mostre quem ele é e até onde pode chegar. A mulher assim como o homem possui esses anseios, no entanto, ela não tem a mesma liberdade de correr atrás de suas respostas, porque sempre viveu à sombra do sexo masculino e suas imposições.

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humana, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, 1967, p. 23)

Na análise da filósofa ela destaca a opressão sofrida pela mulher para ter essa liberdade de escolhas e de questionamentos, também mostra quão difícil é para a mulher se desvencilhar desse “outro” ser que desde sempre a oprimiu e a fez entender que ela depende e vive em função dele.

Na vida de Noemi, por exemplo, seu trabalho sempre foi uma forma de fazer com que se sentisse útil e ajudasse na casa, mas, seu marido sempre achou desnecessário ela ter que trabalhar já que o dinheiro que ele ganhava era o suficiente para a família. Noemi trabalhava em uma loja de fotografias e lá cumpria horário de serviço como qualquer trabalhador da época. No entanto, perdeu seu emprego simplesmente por ter deixado seu esposo e ir viver com outro homem.

Pois ele sentia muito...Dona Noemi tinha sido uma boa empregada, não tinha queixa a fazer. Mas a Fotografia era freqüentada por famílias, a freguesia principal era de primeiras comunhões, noivas, grupos de pai, mãe, filharada...Dona Noemi compreendia... Já tinham reclamado. A senhora sabe, o seu procedimento nestes últimos tempos. A própria Guiomar, que

era antes tão sua amiga... Enfim, numa casa de negócios, quem manda é a freguesia. (QUEIROZ, 2010, p.121)

Assim como a experiência vivida por Noemi, muitas mulheres atualmente pagam o preço por almejar tal liberdade. Muitas pessoas não valorizam o trabalho feminino, pensam que pode ser até provisório, porque a mulher uma hora ou outra terá que abandonar sua profissão para cuidar de casa, filhos e marido, sendo que seu parceiro nem sempre obterá vantagens com esse trabalho assim como afirma Beauvoir:

Há jovens mulheres que já tentam conquistar essa liberdade positiva; mas raras são as que perseveram durante muito tempo em seus estudos ou sua profissão; o mais das vezes sabem que o interesse de seu trabalho será sacrificado à carreira do marido; só trarão para o lar um salário suplementar; só se empenham timidamente numa empresa que não as arranque à servidão conjugal. As que têm uma profissão séria não tiram dela os mesmos benefícios sociais que os homens: as mulheres de advogados, por exemplo, têm direito a uma pensão quando do falecimento do marido, mas recusou-se às advogadas o direito simétrico de uma pensão ao marido no caso de falecimento delas. Isso significa que não se considera que a mulher que trabalha sustente o casal em pé de igualdade com o homem. (BEAUVOIR, 1967, p.247)

Com base no que a autora relata certifica-se, que essa idéia de que a mulher pode sustentar uma casa da mesma maneira que um homem, ainda não se consolidou. No entanto não se pode negar que a inserção da mulher no mercado de trabalho subiu significativamente:

Segundo estudos realizados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos (Dieese), e pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) no ano de 2012, a classe feminina ocupou cerca de 56,1% do mercado de trabalho. Ainda com base na pesquisa apresentada, encontra-se que estes números são crescentes, já que no ano de 2011 as mulheres ocupavam cerca de 55%.(LIMA; MORAES; MARTINS; SANTOS; TRINDADE, 2014, p.3)

Diante disso, percebe-se que com esse aumento da participação da mulher em meio ao trabalho a massa feminina também já ocupa praticamente todos os tipos de cargos que antes eram apenas exercidos por homens como, por exemplo, engenheiro, advogado, policial, bombeiro, pedreiro, médico, jogador de futebol, empresário, motorista, piloto de avião, mecânico etc.

Porém, não basta apenas ocupar um espaço, é necessário que a ocupante desse espaço seja valorizada de forma igualitária o que de fato não acontece, pois muitas mulheres que se propõem a esse desafio de assumir profissões anteriormente destinadas aos homens acabam sofrendo muito preconceito. Através do portal de notícias G1 no ano de 2013 a Jornalista Miriam

Leitão realizou uma entrevista com algumas mulheres que passam diariamente situações constrangedoras por ocuparem esses cargos. A jornalista Miriam Leitão diz no portal de notícias do G1 que:

Miriam Leitão conversou com mulheres que fazem parte dessa revolução ainda em andamento: Márcia Cristina Santos da Silva, primeira mestre de obras do Brasil; Pricilla Azevedo, major da Polícia Militar do Rio de Janeiro e primeira mulher a comandar uma Unidade de Polícia Pacificadora; Cláudia Sender, que aos 38 anos assumiu a presidência da TAM; Andréa Muller, estilista que respondeu por várias grifes; e a desembargadora Leila Mariano, primeira mulher a presidir o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.[...] A major Pricilla destaca: “Infelizmente as mulheres têm que trabalhar um pouco mais para conseguir provar que são capazes. Se a gente comete um erro, aquele erro se transforma em um monstro. A gente tenta diminuir ao máximo o número de erros através de um esforço pessoal. Ao invés de ter um horário certinho de trabalho, a gente sempre procura trabalhar mais e não dar margem para comentários”. (G1,2013)

Através do que foi relatado percebe-se, que não importa qual função a mulher exerça ela sempre será alvo de críticas e desconfianças. Dessa forma, acredita-se em um grande avanço nessa área, mas, a luta por respeito é contínua.

4.4 O dilema da maternidade

Ser mãe é o sonho de toda mulher. Durante a sua infância, a mesma observa os passos da mãe dentro de casa e se encanta com aquela função. Sua primeira brincadeira é de casinha, seu primeiro brinquedo é uma boneca. E o seu desejo por ser uma dona de casa e uma mãe amorosa começa a ser construído. Sempre vai ter uma boneca para dar banho, para fazer comidinha, pra levar à escola, em fim, pra cuidar. Pois bem, essa era a visão há séculos atrás, onde a mulher era educada com esses princípios, no intuito de realizar um bom casamento, ser uma boa esposa e então ter prestígio na sociedade.

No tocante às transformações já mencionadas, os princípios ensinados às mulheres já não são os mesmos. Tendo em vista que antes elas eram instruídas a se casarem mais cedo, criar muitos filhos e ter uma vida estável, hoje em dia são ensinadas a escolher a melhor faculdade, o melhor emprego, e depois pensar em serem mães.

Algo que chama atenção para esse fato é que muitas mulheres temem as consequências de uma gravidez, e uma delas é a grande mudança que o corpo e o psicológico sofrem.

Sem dúvida, a gestação é um fenômeno normal que, em se produzindo em condições normais de saúde e nutrição, não é nocivo à mãe; estabelece-se mesmo, entre ela e o feto, certas interações que lhe são favoráveis. Entretanto, contrariamente a uma teoria otimista cuja utilidade social é demasiado evidente, a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios. Acompanha-se, não raro, durante os primeiros meses, de falta de apetite e de vômitos, que não se observam em nenhuma outra fêmea doméstica e que manifestam a revolta do organismo contra a espécie que dele toma posse; êle se empobrece em fósforo, em cálcio, em ferro, sendo este último déficit difícil de ser compensado posteriormente; (BEAUVOIR, 1970, p.50)

De acordo com a autora, verifica-se que o corpo de uma mulher sofre inúmeras transformações no decorrer de uma gravidez, e isso faz com que muitas desistam desse desafio para manter um corpo em perfeição e livre de alguns transtornos, e vale lembrar que algumas complicações na hora do parto também contribuem muito pra que esse medo aumente. Como acrescenta a autora: “O parto em si é doloroso, é perigoso. “É nessa crise que vemos com maior evidência que o corpo nem sempre satisfaz a espécie e o indivíduo ao mesmo tempo. “Acontece a criança morrer e também, ao nascer, matar a mãe ou acarretar-lhe uma enfermidade crônica”. (BEAUVOIR, 1970, p.50)

Outro fator que amedronta a maioria das mulheres em relação a esse assunto é a dificuldade em conciliar a rotina do trabalho com a maternidade. E tudo piora porque maioria das empresas vê as grávidas como um problema, apesar de saber que elas já têm esse direito garantido por lei.

De acordo com a Lei 11.770 de 09 de setembro de 2008, qualquer mulher que estiver grávida e prestar serviços a uma empresa ou a uma unidade de serviço público não poderão ser demitidas nesse período e ainda têm direito a uma licença de 120 dias equivalente há quatro meses e mais dois meses que podem ser acrescentados pela empresa. E para dá um jeito de driblar a lei, alguns estabelecimentos entram em acordo com as mulheres, para que seja pago um valor em dinheiro e que elas saiam do serviço sem maiores prejuízos, ou seja, sempre encontram um jeito de lesar a mulher.

Uma classe de trabalhadoras quem vem sendo muito prejudicada nesse aspecto são as atletas profissionais. Recentemente veio a mídia o caso da jogadora de vôlei Dani Lins que teve seu contrato não renovado por revelar o desejo de ser mãe. Em entrevista ao programa Esporte Espetacular, transmitido pela TV Globo no dia 27 de agosto de 2017, a jogadora relata: “Eu queria ser honesta em falar que

queria engravidar, mas também achava que eles iriam ficar comigo até que eu engravidasse. Esperei uma coisa e não aconteceu.” Portanto é possível notar que a mulher ainda sofre muito em optar por uma gravidez.

Analisando a temática no meio literário, de acordo com as obras de Rachel de Queiroz a questão da problemática em ser mãe já existe há muito tempo. Ao observar seus romances, na maioria as mulheres não têm filhos, em outras os filhos são abortados ou morrem ainda na infância, como foi o caso do filho de Noemi. “A maternidade não foi experiência que a autora idealizou para suas protagonistas. Noemi teve o “guri”, mas o perdeu; o livro se encerra antes do nascimento do filho que ela trazia no ventre”. (ABREU, 2016, p.86)

Com tudo, percebe-se que Rachel de Queiroz apresenta esse assunto como um grande desafio na vida de uma mulher, e aquela que decide ter filhos precisa também ter a consciência de que terá que abrir mão de certas coisas. Ou seja, suas demais protagonistas passaram por esse dilema assim como Noemi, e grande parte das mulheres atualmente também passa pela mesma situação.

Dessa forma, entende-se que tudo se tornaria mais prático e fácil se a sociedade em geral desse todo o suporte necessário à mulher, para que a mesma não necessite abrir mão de um sonho para viver outro, e sim, que seja dado a toda e qualquer mulher o direito de realizar plenamente todos os seus sonhos, independente de raça, cor, religião ou condição social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como proposta a análise da trajetória social da personagem Noemi na Obra Caminho de Pedras em comparação às mulheres atuais. O intuito foi levantar questões referentes às duas épocas, correlacionando situações do cotidiano das mulheres. Durante os capítulos já abordados foi possível mostrar fatos que comprovam que a desigualdade de gênero ainda está presente.

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou a reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em diferentes âmbitos da sociedade. Primeiramente ao ter acesso a aspectos históricos sobre a mulher no primeiro capítulo nos deu um norte de como tudo começou. A submissão feminina diante da sociedade e do homem, tendo-a somente como objeto sexual; as grandes lutas lideradas pelo movimento feminista; e posteriormente as conquistas em curto prazo que incentivam cada dia mais, a não desistência de dias melhores.

Para que se pudesse fazer um paralelo entre a obra em análise com situações atuais, foi necessário realizar um breve resumo sobre a autora, obra e personagem principal como se fez no segundo capítulo. Dessa forma pôde-se conhecer de forma mais clara a protagonista e seus anseios enquanto mulher. Acredita-se que dessa maneira o perfil de Noemi esteve em evidência e possibilitou ser vista como exemplo de mulher lutadora.

Através desse paralelo feito no terceiro e último capítulo, verificou-se o quão doloroso um casamento pode se tornar quando é mantido por conveniência, principalmente para o sexo feminino, que muitas vezes é envolvido por questões de culpa ou sobrevivência e quando decide optar pela separação paga um preço muito alto, que inclui desde o preconceito da sociedade até a desvalorização moral da mulher.

Foi possível constatar que a violência contra as mulheres existente há alguns séculos, só piora, mesmo diante de muitas leis que as protegem. Através dos dados numéricos que foram mostrados percebe-se que os casos de violência só aumentam e isso significa que a classe feminina se encontra a mercê de monstros que se definem seres humanos.

Observou-se que ao mesmo tempo em que se abrem as portas de emprego em grande escala para “elas”, as humilham com a diferença de salário em relação aos homens. E único motivo para que isso aconteça é a diferença de

gêneros, sem contar que as mulheres ainda sofrem preconceito quando decidem realizar funções que antes só os homens desempenhavam, e então elas se encontram obrigadas a trabalharem sob pressão e sem erros.

E se não bastasse, muitas vezes são obrigadas a escolherem entre um emprego ou o sonho de serem mães. Pois, como foi mencionado anteriormente, as mulheres sofrem alguns medos relacionados à maternidade, tanto no que diz respeito à família, pois a mesma precisa enfrentar uma jornada dupla, quanto às transformações físicas que seu corpo é obrigado a fazer.

Diante do que foi exposto, nota-se que algumas coisas não se diferem do que a personagem Noemi e outras mulheres da obra *Caminho de Pedras* viveram lá atrás na década de 1930. Pois ainda existem mulheres presas a casamentos e sem perspectivas de vida longe dos seus companheiros, muitas ainda se permitem serem espancadas simplesmente pra terem onde viver com os filhos, e a discriminação e preconceito que ainda reina contra aquelas que decidem ir em busca de seus sonhos como Noemi.

Passaram-se os anos, mas muitas atitudes vergonhosas ainda são vistas. O que se espera é que cada vez mais esse tema possa ser discutido e às mulheres possa ser dado o mérito de seu importante papel na construção da história, tendo em vista tudo que elas já fizeram, fazem e ainda farão se assim forem respeitadas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II A experiência vivida**. 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967

_____, Simone de. **O Segundo Sexo I Fatos e Mitos**. 4ª ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

ABREU, Laile Ribeiro de. **Representações da mulher na obra de Rachel de Queiroz**. (Tese de Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2016.

BRASIL. Âmbito Jurídico. **Mulheres lideram pedidos de divórcios**. Disponível em: <<https://ambito-juridico.jusbrasil.com.br>> acessado em 23 de outubro de 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRUSCHINI, Cristina. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, n. especial/2º semestre, 1994a.

CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. **Romance proletário em Rachel de Queiroz ou vendo o lado de fora pelo lado de dentro**. Disponível em: <<https://www.resvistas.ufpr.br>> acessado em 10 de novembro de 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história – 2.ed.**- Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Disponível em: <<https://www.revistagenero.uff.br>> acessado em 31 de outubro de 2017.

Dados de Violência Contra a Mulher. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mais-de-500-mulheres-sao-vitimas-de-agressao-fisica-a-cada-hora-no-brasil-aponta-datafolha.ghtml>> acessado em 26 de outubro de 2017.

Esporte Espetacular. **Dani Lins anuncia gravidez e desabafa: “sofri preconceito”**. 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com>> acessado em 07 de novembro de 2017.

FREYRE, Gilberto. **Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-2. Sobrados e Mocambos**. 1ª. ed. digital. São Paulo, 2013.

GUERELLUS, Natália Santana de. **VAES SOLLIS Gênero, cultura e sociedade nos romances de Rachel de Queiroz (1930-1939)**. Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR, Curitiba, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Compiladora). **Melhores crônicas: Rachel de Queiroz**. São Paulo: Global, 2004.

LIMA, da Joice; MORAES, Valmir; MARTINS, Marcielma; SANTOS, dos Denilson; TRINDADE, Edina. **Os desafios da classe feminina no mercado de trabalho: Um estudo nas lojas de móveis na cidade de Solânea-PB.** Universidade Federal da Paraíba, 2014.

MELO, Alexandre. **Os fatos históricos que marcaram as conquistas das mulheres.** Revista Nova Escola. 2013. Disponível em: <revistaescola.abril.com.br/.../fatos-historicos-conquistasdia-da-mulher-7..>. Acesso em: 06 novembro de 2017.

Mulheres no mercado de trabalho. Disponível em:<<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/08/mulheres-enfrentam-desafios-em-novos-papeis-no-mercado-de-trabalho>> acessado em 29 de novembro de 2017.

Pesquisa Salarial e de benefícios online. Disponível em <<https://www.catho.com.br>> acessado em 23 de outubro de 2017.

QUEIROZ, Rachel de. **Caminho de Pedras.** 13^a ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2010.

Rede de notícias R7. **Central de Atendimento à Mulher.** Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/noticias/pesquisa-ibge-68-das-mulheres-agredidas-sao-vitimas-de-companheiros-20100917.html>> acessado em 23 de outubro de 2017.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil.** 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TELES, Luiza Maria Silveira. **Filosofia para Jovens: Uma iniciação à filosofia.** 9^a ed, Rio de Janeiro:Vozes, 1996.

Violência contra mulher “ligue 180”. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br>> acessado em 29 de novembro de 2017.